

A NOVA TECNOLOGIA A SERVIÇO DO UNIVERSO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA DIFERENCIADA NO ENSINO DE LITERATURA BRASILEIRA

Viviane Arena Figueiredo¹

*Eu quero olhar
De um lugar diferente,
Eu quero a chave,
A chave da porta da frente...
(Frejat & Leoni)*

A epígrafe acima apresentada pode ser lida sob diversos contextos, considerando a postura diante da educação atual. A metáfora impressa na figura da “chave da porta da frente” não se refere apenas ao aluno sedento por novas perspectivas em relação ao seu aprendizado, mas principalmente ao professor que, atualmente, vem buscando diversas alternativas a fim de desenvolver e aprimorar o potencial de leitura dos alunos.

São muitos os questionamentos a serem feitos em prol de uma educação envolvendo o letramento. Primeiramente, é preciso refletir sobre a política de educação em que os professores se encontram enredados, avaliando numerosas cobranças porém, não obtendo maiores resultados. Além do mais, as expectativas de um ensino transformador, cultivadas ao longo da aprendizagem do conteúdo teórico apresentado nas faculdades, acabam por serem transformadas em uma completa decepção frente às dificuldades encontradas no dia-a-dia em sala de aula.

Tal desconcerto parece nascer do fato de que muitos professores pensam que a tarefa de alfabetização concentra-se apenas no primeiro segmento do Ensino Fundamental. Esse engano faz com que os educadores esqueçam que a tarefa de alfabetizar é um movimento natural que envolve toda uma vida, visto que ser alfabetizado é saber interpretar o mundo a nossa volta, tentando dominar e apreender o maior número de assuntos e conteúdos possíveis.

Outro fato que também pontua a problemática da realização de um trabalho efetivo envolvendo leitura advém da maneira como o conteúdo escolar tem sido apresentado ao aluno. Mesmo sabendo que, hoje em dia, existe uma crescente dificuldade em relação à leitura e interpretação, os professores se vêem obrigados a trabalharem isoladamente, visto que o tempo para o planejamento conjunto se concentra apenas em poucas horas cumpridas antes do início do ano letivo, conseqüentemente,

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF)

não havendo trocas entre os educadores sobre conteúdo que cada um está ensinando em determinado bimestre.

Apesar de ser preconizado dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais a interação entre as diferentes matérias, não existe estímulo nas escolas para uma cooperação e uma troca entre os professores em relação aos conteúdos ensinados. A realidade acaba por passar longe das teorias.

Diante desse panorama não muito promissor, o papel do professor de Língua Portuguesa se torna primordial para o desenvolvimento das habilidades de leitura visto que, a partir dos mecanismos de letramento traçados em sala de aula é que o aluno vai aprimorar a sua competência linguística, a fim de também saber compreender e refletir sobre os conteúdos apresentados em outras matérias.

É lançada, então, a pergunta: como dar conta de todos os conteúdos de Língua Portuguesa, envolvendo gramática, leitura e interpretação, redação e, ainda mais, preparar o aluno para o entendimento de outras matérias? Realmente, essa não é uma resposta simples, até porque o tempo em sala de aula, muitas vezes, é limitado para um trabalho de tal complexidade. Na verdade, essa é uma tarefa que exige preparação desde os primeiros contatos do aluno com o mundo sócio-escolar, procurando incutir o hábito da leitura e da interpretação como fonte de conhecimento de outras realidades.

É dentro desse contexto que nos deparamos com o trabalho do professor de Literatura Brasileira no Ensino Médio. Ensinar os conteúdos de tal matéria, muitas vezes consiste em apresentar ao aluno um mundo e uma realidade na qual ele não faz parte e não possui maturidade suficiente para compreender tal conhecimento.

Por outro lado, apresentar textos e autores aos alunos, enfatizando apenas os estilos de época e o contexto histórico de determinada época é fadar a Literatura a um completo fracasso. Estilos de época, ensinados pura e simplesmente como uma mera periodização da Literatura, não possuem diálogo algum com a realidade dos alunos e os panoramas históricos de uma sociedade, muitas vezes, se perdem em meio ao ensino baseado na memorização de conteúdos.

Além desses problemas mencionados, há ainda um agravante em relação às aulas de Literatura Brasileira. O fato de muitos alunos ainda apresentarem dificuldades em relação à interpretação de textos; infelizmente ainda no Ensino Médio encontramos uma grande maioria de alunos que podem ser encaixados dentro da categoria denominada “analfabetos funcionais” – alunos que lêem mas não conseguem decodificar o significado do texto.

Sendo assim, dentro de uma realidade tão desfavorável ao desenvolvimento de um trabalho satisfatório, o professor precisa recorrer a outros mecanismos que não só chamem atenção dos alunos, mas também que se encaixem dentro das necessidades desse público.

É dentro desse contexto, que o uso da tecnologia intercede em prol de auxiliar os professores na tarefa de ensinar os conteúdos de Literatura Brasileira aos alunos. Se em um primeiro momento, nos deparamos com a dificuldade da leitura, devemos trabalhar no aluno o interesse pelo seu próprio aprendizado, procurando meios de fazer com que o assunto apresentado adquira uma faceta verdadeiramente interessante.

1 Filmes, documentários e mídias televisivas: uma proposta infinita

O mundo está em constante mudança. Tais transformações exigem que busquemos conhecimento constante, procurando estar sempre atualizados dos inúmeros acontecimentos que movimentam o mundo. A globalização deixou de ser uma palavra da moda, para se tornar um fato que se instala na vida de todos os seres humanos como um apelo da pós-modernidade.

Grande quantidade de dados, sons e imagens invade diária e continuamente nossos olhos e ouvidos, e isso sem dúvida influencia nosso comportamento cotidiano, nossas ideias, desejos, objetivos de vida, enfim, nossa maneira de ser. (OLIVEIRA, 2000: 339)

A globalização, tal e qual se configurou dentro das sociedades, permitiu a mudança de mentalidades e comportamentos e, esse acontecimento não pode passar despercebido ao professor, que tenta configurar o seu processo de ensino dentro dos parâmetros modernos.

Outro fator que merece ser considerado em relação a esse fenômeno é o fato de que, num sentido inverso das expectativas universais, a globalização acabou por se tornar um movimento de revalorização das identidades nacionais, do culto ao local e à cultura identitária de cada povo.

O processo de globalização está levando a uma situação que pode ser considerada em princípio contraditória: a exposição excessiva ao mundo, uma das suas marcas, dá origem, por outro lado, a movimentos de revitalização do pequeno, do particular, do local. Há uma recomposição de tradições locais, um movimento no sentido de reconhecer e valorizar as diferenças entre culturas (...) Não há como negar que o mundo e o Brasil,

diante da rapidez das transformações e da insegurança do presente, estão privilegiando o passado, e que a memória se torna uma obsessão cultural de proporções monumentais. (Idem, 2000:341)

Diante desse fato, faz-se necessário cultivar um sentido de preservação da memória, procurando inculcar nos alunos a necessidade de conhecer o passado em prol da descoberta e da construção de sua própria identidade, dentro de um mundo globalizado.

Segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, a valorização do nacional deve partir do sentido de memória instituído no cerne da educação do aluno.

Toda experiência construída no passado deve ser analisada, em busca das relações que estabelece com o presente e o devir. Partilhar o conhecimento socialmente instituído, aquilo que foi herdado do passado, é apenas o começo do reconhecimento da parte que cabe a cada um no processo histórico, o dado. (MEC/SEF, 1998:7)

É importante, então, buscar essa memória dentro da realidade em que cada um se encontra inserido e, nesse contexto, os apelos tecnológicos fazem o papel de unificador do ensino, deixando com que as descobertas adquiram um significado na vida de cada educando, em especial.

Dentro de um ensino envolvendo o uso de recursos tecnológicos, as escolhas passam dos mais básicos, para os mais sofisticados e, é claro que o a inferência desses aparatos em sala de aula vai depender não só da disponibilidade, como também da acomodação do conteúdo apresentado com o material a ser utilizado.

As mais comuns mídias eletrônicas utilizadas nas escolas são, sem dúvida, a televisão e o aparelho de DVD. Aparentemente simples, esse tipo de tecnologia é o que mais próximo se encontra do aluno, visto que é aquele em que todos tem contato.

Infelizmente, o uso desse tipo de inferência eletrônica tem sido constantemente dispensado pelos professores de Literatura Brasileira, principalmente porque muitos consideram que tal recurso banaliza o verdadeiro significado das obras literárias, viciando os alunos em respostas pré-fabricadas a partir das imagens e informações fornecidas ao longo de uma determinada cena.

Porém, se há a percepção de que a leitura de determinada obra tem se configurado uma dificuldade para algumas turmas, por que, então, não balizar o ensino através de uma organização mais elaborada?

Há de se levar em consideração que a adaptação de obras literárias ao universo cinematográfico é uma tendência mundial, tendo sido muito difundida através das produções *Hollywoodianas*. No Brasil, atualmente, encontramos adaptações para o cinema de obras tais quais *O triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Redes televisivas já se dispuseram a adaptação de contos, crônicas, romances. E o teatro não se cansa de apresentar em seus palcos textos representativos da literatura.

O uso de filmes, como exemplo de obras literárias, pode configurar, sim, um tipo de aprendizagem na qual exista margem para discussão e questionamentos. É evidente, que nesse contexto, é preciso que o professor não lance mão desse recurso como um elemento isolado dentro da sala de aula. É preciso haver uma preparação para que os alunos entendam o que precisam compreender a fim de que passem da observação à reflexão.

O interessante no uso de mídia televisiva é a inserção da percepção do aluno no campo da imagem. Se, por um acaso, o professor tem por objetivo contextualizar obra e período histórico, as imagens se configuram como o melhor recurso a ser utilizado, pois se inserem dentro dos princípios básicos da observação.

Além disso, o constante ensino de Literatura por meio de filmes provoca no aluno um senso de curiosidade que só pode ser despertada através do plano das imagens. É preciso, pois, saber conduzir o aluno ao plano da investigação, isto é, o saciamento da curiosidade dentro do texto literário.

2 Literatura, informática e o encontro com o prazer do texto

A informática está para os jovens, hoje em dia, assim como estavam os grandes romances para os jovens do século XIX. Percebe-se nessa assertiva uma real composição de épocas, de conteúdos, de interesses. Não podemos esperar que um adolescente do século XXI conserve as mesmas mentalidades que um jovem do século retrasado.

Quando a Literatura é ensinada descontextualizada da realidade do aluno, ela não consegue oferecer nenhuma vantagem em seu aprendizado e os conteúdos acabam sendo, normalmente esquecidos.

A necessidade pela inserção de novas tecnologias em sala de aula é assim preconizada por SAVI (2009):

Com base nas características dos jovens do século XXI, o sistema educativo precisa desenvolver instrumentos para facilitar e tornar o processo de aprendizagem mais prazeroso e compatível com as habilidades perceptivas e cognitivas do aprendiz que, acostumado ao contexto comunicacional da hipermídia, lê, escuta e olha ao mesmo tempo. (SAVI, 2009: 1)

Há de se considerar que, hoje em dia, o aluno torna-se, cada vez mais interativo; ele interage com não só com os amigos e com a família, mas com o mundo exterior através da *internet*, dos *sites* de relacionamento tais quais *Orkut*, *Facebook*, *My space*. É interessante que prefere se comunicar através de *MSNs* ou blogs do que usar um simples aparelho de telefone ou mesmo celular.

É a partir dessa interação do indivíduo com o mundo exterior que o professor deve pautar objetivos em prol do ensino de Literatura. Aproveitar-se dos recursos que interessam aos alunos torna-se “meio caminho andado” para conquistar os alunos e fazer com que a literatura se torne também assunto de suas conversas, em um processo de plena naturalidade.

Considerando os recursos tecnológicos advindos da informática como precisamente comunicativos, é de se esperar uma plena concordância do ato da escrita com *sites* de relacionamento, visto que ambos se utilizam da escrita para satisfazerem suas necessidades.

Dentro desse aspecto, propõe-se, a partir de discussões sobre um determinado assunto de cunho literário, a criação de *blogs*, no qual poderão ser expostas todas as opiniões acerca de determinado assunto ou autor. É necessário, porém, deixar claro que a análise de uma obra literária passa primeiramente pelas questões mais pertinentes aí impressas, portanto, faz-se sempre necessário trabalhar com assuntos que chamem a atenção do grupo, de modo que possam se posicionar através de suas opiniões e, de certa forma, se sentirem lidos. Assim, além da própria caracterização de interpretação de determinada leitura, a criação de *blogs* exige ainda o exercício da escrita e, conseqüentemente, o cultivo da criatividade, no momento da exposição de seus textos.

A criação do *blog* permite ainda que vários assuntos sejam apresentados em continuidade, mesmo que não pertençam ao assunto tratado anteriormente. Na verdade, torna-se um trabalho que eleva a precisão comparativa dos alunos, visto que ao associarem e correlacionarem os diferentes temas entre si, o grupo acaba por criar uma autonomia em relação à reflexão adequada ao aprendizado de determinada obra.

Este tipo de trabalho pode se repetir através do *Orkut*, por exemplo, na proposta de criação de comunidades relacionadas às obras estudadas e, até mesmo, a proposição de fóruns participativos entre os membros do grupo, convencionando, então, um sistema de aprendizado do estilo réplica-tréplica entre os participantes da comunidade, num sentido de aplicarem os conhecimentos aprendidos e defenderem seus próprios pontos de vista.

Considerações finais

Quando não existe muito tempo para se propor aulas demasiado desinteressantes por causa do conteúdo abundante a ser estritamente seguido é preciso inovar as possibilidades de apresentar os assuntos aos alunos.

O impacto de aulas longas, descontextualizadas da realidade e sem efeito circunstancial sob o aluno é sentido de forma negativa não só pelos educandos, que não se forjam ao mostrarem seu desinteresse, mas também pelos professores que se colocam dentro de um processo de eterna decepção frente ao esforço diário de levar um grupo a compreender um determinado conteúdo.

Ao serem utilizadas as mídias em sala de aula, novos movimentos são criados em sala de aula: o de interação, de comunicação, de reflexão e criatividade. Além da observação provocada pelas imagens reproduzidas através das mídias televisivas existe também a possibilidade de serem comparadas as obras literárias e suas adaptações, fato tal que pode suscitar no aluno o sentimento de curiosidade.

As criações de blogs e/ou comunidades do *Orkut* permitem uma cristalização da autonomia de aprendizado, levando o aluno a fazer constantes inferências dos conteúdos aprendidos, num movimento constante de revisão e ajustamento dos conhecimentos.

Tal proposta permeia a possibilidade não só da criatividade, mas cria no aluno um sentimento de independência, necessária à exposição de seus próprios pontos de vista.

Referências

MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Linguagens, códigos e suas tecnologias (parte II)*. Ensino Médio. Brasília, 1998.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Cultura e identidade nacional no Brasil do século XX. In: ALBERTI, Verena (Org.); GOMES, Ângela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves. *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, CPDOC, 2002.

SAVI, Rafael. Utilização de projeção multimídia em salas de aula: observação do uso em três escolas públicas. In: XX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. Santa Catarina: UFSC, 2009.